

2

Jacob Burckhardt e as suas Considerações sobre a História

Durante o inverno de 1870-71, o historiador suíço Jacob Burckhardt ministrou uma série de aulas na Universidade da Basileia. Suas anotações, iniciadas em 1868, acrescidas de um texto sobre “A sorte e o infortúnio na História” (fruto de uma conferência pública proferida por ele em novembro de 1871), foram editadas postumamente - em 1906 - com o título de *Weltgeschichtliche Betrachtungen (Reflexões sobre a História Universal)*.¹

Jacob Burckhardt nunca desejou que suas anotações para as aulas fossem publicadas, embora tenham sido vistas como extraordinárias. Sobre esses manuscritos, Peter Burke afirma, no prefácio do livro *A Cultura do Renascimento na Itália*, que “Burckhardt costumava memorizar suas preleções e reproduzi-las sem o auxílio de anotações, como se estivesse pensando em voz alta; diz-se, porém, que até mesmo os comentários à parte que fazia haviam sido ensaiados.”² O historiador teria impressionado até o jovem Nietzsche, levando-o a escrever em uma de suas cartas que foi devido a Burckhardt que, pela primeira vez na vida, tivera prazer em assistir a uma aula.³ Somente no fim de sua vida, Burckhardt consentiu que seu sobrinho, o filólogo Johann Jacob Oeri, as editasse.

Burckhardt afirma, no início do *Reflexões sobre a História Universal*⁴, que a sua tarefa consiste em esclarecer, os elementos que julga importantes para a realização de algumas reflexões sobre a história, ora os relacionando “com uma teoria, ora com outra.”⁵ Contudo, o historiador deixa claro que em nenhum momento pretende formular ideias ou produzir um conhecimento sistemático

¹ Neste trabalho, optou-se por traduzir *Weltgeschichtliche Betrachtungen* como *Reflexões sobre a História Universal*, tradução que difere da adotada pela edição brasileira. Em português, o livro foi publicado em 1961, pela editora Zahar, com o título de *Reflexões sobre a História*. Tradução direta do alemão e notas de Leo Gilson Ribeiro.

² BURKE, Peter. Introdução: Jacob Burckhardt e o Renascimento Italiano. In: BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália*. Um ensaio. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 18.

³ Trecho da carta de Nietzsche a Von Geersdorff de 1870. DRU, Alexander. “Introdução”. In: BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, p. 83.

⁴ BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões sobre a História*. Tradução Leo Gilson Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

⁵ Ibid., p. 9.

sobre a História mundial, pois como ele mesmo afirma “satisfazemo-nos com observações genéricas da História, em tantas direções quanto possíveis.”⁶

Neste curso, Burckhardt diz que irá empreender uma discussão sobre temas como: a propagação do conhecimento histórico por diversos setores da vida; as mudanças pelas quais passa a história bem como suas crises; a ligação entre os grandes indivíduos e os movimentos históricos; os juízos históricos (o êxito e o infortúnio na História); a aptidão do século XIX para o estudo da história; as fontes históricas e o relacionamento entre os três fatores ou potências que constituem uma sociedade: o Estado, a Religião e a Cultura, ressaltando a influência da cultura sobre as outras duas potências. Por fim, o suíço declara que não é o seu propósito nessas aulas:

elaborar um guia para os estudos históricos no sentido erudito que se empresta a esse termo, mas sim fornecer indicações para o estudo do elemento histórico nas diversas esferas do mundo intelectual.⁷

No entanto, conforme ressalta Alexander Dru “a modéstia da proposta mantém-se apenas no tom e no modo. As conferências são vistas como o insight ou a visão que seus estudos de história revelaram,”⁸ e podem ser ligadas aos pensamentos morais e intelectuais do historiador. Sendo assim, ao longo desse capítulo, buscar-se-á analisar alguns itens do *Reflexões sobre a História Universal*, relacionando-os, sempre que pertinente, a aspectos da vida e da obra do historiador.

2.1

Da recusa à Filosofia da História

No seu curso, publicado posteriormente sob o título de *Weltgeschichtliche Betrachtungen (Reflexões sobre a História Universal)*, Burckhardt afirma que a “filosofia da história”⁹, constituir-se-ia para ele um elemento híbrido, uma

⁶ Ibid., p. 9.

⁷ Ibid., p. 10.

⁸ DRU, A. “Introdução”. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 88.

⁹ Ao empregarmos o termo “filosofia da história”, nessa dissertação, refere-se a um pensamento sistemático sobre a história, segundo o qual os homens caminham sucessivamente em direção a um fim universal. Esse pensamento atinge seu ápice com a filosofia de Friedrich Hegel.

“*contradictio in adjecto*”¹⁰, uma contradição de termos, pois a história coordena os eventos enquanto a Filosofia os subordina a um princípio lógico.

Burckhardt discordava da história compreendida a maneira Hegeliana e rejeitava todo o tipo de teorização filosófica sobre o curso da história. Sobre a filosofia de Hegel, o historiador, em uma carta escrita para o jovem estudante Albert Brenner, em 1865 - alguns anos antes da publicação do *Reflexões sobre a História Universal* - adverte: “ela é como uma droga no mercado, deixe-a ficar onde está.”¹¹

A negação de Burckhardt em aceitar as especulações filosóficas sobre a história faz-se presente também em sua crítica às interpretações providencialistas e socialistas do mundo. Segundo Karl Löwith, Burckhardt “rejeita as interpretações teológicas, filosóficas e socialistas da história, reduzindo consequentemente o sentido da história à mera continuidade, sem princípio, progresso ou fim.”¹²

O historiador via como um erro a suposição de que a nossa época seria a culminação de todas as épocas anteriores. Desfavorável a qualquer tipo de sistematização, Burckhardt supunha que não deveríamos nos preocupar com as origens ou os agentes iniciais - função da filosofia e da teologia -, pois seria impossível datarmos o estágio inicial de uma cultura sem deixar nada para trás.

O foco principal da análise histórica seria constituído pelo homem com suas angústias, ambições, lutas e realizações. Sendo assim, para o historiador, na mesma medida em que na vida do indivíduo não seria benéfico conhecer a priori o local e a data de seu falecimento, não seria desejável para a humanidade o conhecimento prévio do futuro.

O elemento mais presente na obra de Burckhardt seria o sentido da continuidade histórica. Segundo ele, diferentemente dos Hegelianos - que procuram através de um olhar cronológico analisar as diferenças entre as épocas -, o historiador deve dedicar-se a estudar “os elementos que se repetem, os elementos constantes”¹³, aquilo que permanecesse em meio aos períodos históricos.

¹⁰ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 10.

¹¹ BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 240.

¹² LÖWITH, Karl. *O sentido da história*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1991, p. 194.

¹³ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 12.

Jacob Burckhardt procurava, através do empenho na lembrança e seleção do passado reconstruir uma continuidade histórica, não pautada na noção de progresso. Conforme afirma Janaína Pereira, “tanto na obra sobre Renascimento, como em suas aulas e preleções, o historiador sempre visou estabelecer relação entre o período tratado e o momento em que vivia.”¹⁴

2.2

Do caminho para a História, da recusa à religião

Jacob Christoph Burckhardt nasceu na Basileia, Suíça, em 25 de maio de 1818, e morreu no ano de 1897. Descendente de uma família tradicional de Basel, filho de pais protestantes, herdou do pai, um pastor que possuía interesses eruditos, o gosto pela pesquisa.¹⁵ Burckhardt inicia, em 1838, os estudos teológicos na Universidade da Basileia. Contudo, após refletir sobre as ideias do teólogo W.M.L. Dewette, ele, que já havia começado a questionar o protestantismo, sofre um abalo em sua fé e decide abandonar o curso de teologia. Em 28 de agosto de 1838, Burckhardt escreve ao amigo Johannes Ruggenbach:

Aos meus olhos o sistema de Dewette cresce em estatura a cada dia. Simplesmente há de se segui-lo, não há alternativa; mas a cada dia uma parte de nossa tradicional Doutrina se desfaz sob suas mãos. Hoje, finalmente compreendi que ele vê o nascimento de Cristo simplesmente como um mito – e isso eu também faço. E estremeci ao colidir uma série de razões pelas quais isso quase que tinha que ser assim. A divindade de Cristo consiste, é claro, em sua simples humanidade.¹⁶

A escolha pela história teria se dado como alternativa a carreira teológica. Nesse processo, o incentivo do amigo Heinrich Schreiber, “um desertor ex theologorum castris”¹⁷ e respeitado historiador para o qual Burckhardt fizera algumas pesquisas no arquivo de Basel, fora um fator importante na escolha feita pelo suíço. Em carta de 8 de setembro de 1839, escreve Burckhardt a Schreiber:

¹⁴ OLIVEIRA, Janaína Pereira. *O Futuro Aberto: Jacob Burckhardt, G.W.F. Hegel e o Problema da Continuidade Histórica*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura. Rio de Janeiro: PUC, 2006, p. 180.

¹⁵ BURKE, Peter. Introdução. In: BURCKHARDT, J. *A Cultura do Renascimento na Itália*, op. cit., p. 15.

¹⁶ Carta de 28 de agosto de 1838 a Johannes Ruggenbach, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 104.

¹⁷ DRU, A. “Introdução”. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 60.

Se algum dia eu conquistar qualquer coisa importante no campo da história, a honra se deverá principalmente a você; sem seu encorajamento – embora talvez não tenha consciência disso –, sem o estímulo que você me deu ao ouvir minha decisão, e por último, sem seu ilustre exemplo, provavelmente não teria me ocorrido procurar minha vocação na história, embora desde muito cedo estivesse determinado a nunca, em toda a minha vida, perder de vista a história. Um dia, de fato, espero oferecer meus agradecimentos pessoalmente.¹⁸

Em 1839, com a concordância do pai, Burckhardt termina os estudos teológicos e segue para Berlim, para estudar história. Na Universidade de Berlim, o historiador frequenta as aulas de importantes acadêmicos como: Gustav Droysen, Franz Kugler, Leopold von Ranke e outros, e encanta-se com as palestras desses professores. Em carta a Heinrich Schreiber escrita em 1840, Burckhardt, então com 21 anos, descreve a sua reação às primeiras aulas:

Meus olhos arregalaram-se de espanto com as primeiras palestras que ouvi de Ranke, Droysen e Böckh. Percebi que se me havia passado a mesma coisa que sucedeu ao Cavaleiro em Dom Quixote: eu armara rumores de minha ciência e, de repente, lá estava ela, aparecendo diante de mim em proporções gigantescas – e tive de baixar meus olhos. Agora estou real e firmemente determinado a dedicar minha vida a ela, talvez ao custo de uma feliz vida doméstica; de agora em diante, mais nenhuma hesitação perturbará minha resolução.¹⁹

Dentre os professores com os quais conviveu na Universidade de Berlim, era Ranke o que ele mais admirava como historiador e o que menos gostava como homem, pois na sua opinião, faltava-lhe caráter.²⁰ Apesar disso, em suas cartas, Burckhardt elogiava a forma como Ranke organizava as suas aulas²¹ e afirmava ter aprendido com ele sobre o método histórico.²² O suíço interessava-se principalmente por duas obras de seu professor: *A História dos Papas*²³ e o primeiro volume da *História Alemã na Era da Reforma* que, em sua opinião,

¹⁸ Carta de 08 de Setembro de 1839 a Heinrich Schreiber, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 119.

¹⁹ Carta de 15 de Janeiro de 1840 a Heinrich Schreiber, *ibid.*, p. 125.

²⁰ Sobre isso, afirma Burckhardt “Infelizmente, Ranke como todos sabem, é agradável de se conhecer, mas falta-lhe caráter, e isso você pode ver sem sombra de dúvida em qualquer crítica de seus escritos.” Carta de 15 de Agosto de 1840 a Louise Burckhardt, *ibid.*, p. 137.

²¹ Escreve Burckhardt “Infelizmente, Ranke nunca ensina história antiga; ainda assim, irei a todas as suas aulas, pois, mesmo se alguém não aprendesse mais nada com ele, poderia pelo menos aprender a arte de apresentar os conteúdos.” Carta de 15 de Janeiro de 1840 a Heinrich Schreiber, *ibid.*, p. 126.

²² Diz o suíço “Somente agora começo a suspeitar do que significa método histórico.” Carta de 11 de Agosto de 1840 a Heinrich Schreiber, *ibid.*, p. 136.

²³ Vale ressaltar, que antes mesmo de decidir estudar história, Burckhardt já havia lido e se encantado com a *História dos Papas* de Ranke, tendo esse livro, inclusive, influenciado na sua opção pela história. Cartas de 30 de Dezembro de 1874 a Von Preen, *ibid.*, p. 301.

seriam as obras-primas do historiador. Como aluno de seminário de Ranke, Burckhardt produziu um trabalho sobre Carlos Martel e Conrad Von Hochstaden, Arcebispo da Catedral de Colônia. Nesse tempo, o historiador suíço chegou a pensar em tornar-se um medievalista, porém aos poucos foi descobrindo outros caminhos que o levaram a abandonar a ideia. Entretanto, anos depois, em seu obituário, Burckhardt crê ser importante mencionar ter sido aluno de Ranke.

No que concerne a Droysen, Burckhardt critica o fato de terem deixado que ele partisse para Kiel,²⁴ pois também o considerava um dos grandes. A influência tanto de Droysen quanto de Ranke, sobre Burckhardt, era estritamente intelectual, a ponto do historiador comentar, em uma correspondência endereçada a Schreiber, que o que lhe faltava em Berlim era um professor amigo que o estimulasse e o contivesse ao mesmo tempo, como ele outrora fizera.²⁵

Pouco tempo depois da sua reclamação, Burckhardt conhece Franz Kugler, um jovem professor de história da arte, que seria responsável por preencher essa lacuna em sua vida acadêmica. Mais que um professor, Burckhardt encontrou em Kugler um guia e uma referência que o auxiliaria nos estudos sobre a história da arte e em toda a sua formação como historiador.²⁶ Do mesmo modo, o considerava um amigo “cheio de bondade, paciência e espírito,”²⁷ com o qual aprendia história.

Por outro lado, Franz Kugler também admirava Burckhardt. Em 1846, o historiador da arte, assoberbado com os seus afazeres intelectuais solicita ao Ministro da Cultura, através de uma carta, um assistente para a revisão dos seus manuais de História da Pintura e História da arte. Nessa correspondência, datada de 30 de março de 1846, Kugler recomenda Burckhardt para o cargo e o descreve elogiosamente como:

²⁴ Escreve Burckhardt “Que lástima terem deixado Droysen ir para Kiel.” Carta de 11 de Agosto de 1840 a Heinrich Schreiber, *ibid.*, p. 136.

²⁵ “Aqui não me falta nada, exceto um professor como você, para me estimular e refrear alternadamente.” Carta de 15 de Janeiro de 1840 a Heinrich Schreiber, *ibid.*, p.129.

²⁶ Sobre a relação entre Burckhardt e Franz Kugler, ver também. FERNANDES, Cássio da Silva. *As contribuições de Jacob Burckhardt ao Manual de História da Arte de Franz Kugler (1848)*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, n. 49, p. 99-124, jan./jun. 2005.

²⁷ Carta de 04 de Março de 1842 a Heinrich Schreiber, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 156.

um jovem, o atual Professor Jacob Burckhardt, da Universidade de Basileia (filho do ministro eclesiástico dali, Burckhardt), um antigo aluno meu, por mim formado com louvor no ofício histórico-artístico, que conhece com precisão todas as minhas obras, com as suas debilidades e qualidades, e que tem, ao mesmo tempo, uma força espiritual própria para não ser apenas um escravo de uma eventual ordem minha. Ele aliás ainda não é referido pela realização de importantes trabalhos literários, apesar de já ter escrito alguns livros; é notável, porém, por conta de uma sólida cultura histórica geral e por poder valer-se de competência no ofício da história da arte, da qual eu me coloco como fiador.²⁸

O pedido de Kugler foi aceito e entre o outono de 1846 e setembro de 1847, o historiador suíço, já formado, trabalhou como assistente de Franz Kugler na reedição de seus manuais histórico-artísticos de História da Pintura e da Arte. Segundo Cássio Fernandes, esse trabalho seria “a concretização do contato intelectual entre professor e aluno”²⁹, no qual Burckhardt não teria se esquivado de incorporar elementos seus. Além disso, o mesmo viria a ter grande importância nas suas futuras interpretações histórico-artísticas. Sobre esse relacionamento, escreve Alexander Dru:

Foi Kugler que lhe deu a coragem de abraçar o seu amor pelas artes e pela história, de reconhecer sua enorme sede pela contemplação como traço fundamental de sua constituição espiritual, e o introduziu à história como a mais elevada forma de poesia.³⁰

A concepção histórico-artística de Franz Kugler baseada na *Anschaung* (contemplação intuitiva) viria de encontro a muitas das ideias de Burckhardt e teria grande influência nas suas futuras pesquisas. Contudo, no decorrer da sua vida, Burckhardt procurou construir seu próprio caminho como historiador, que será pormenorizado no decorrer do terceiro capítulo.

2.3

Da renúncia à Berlim a importância da Basileia

Jacob Burckhardt, então com 54 anos, recebera um convite para ocupar a vaga de Leopold von Ranke na Universidade de Berlim, em virtude de sua

²⁸ WAETZOLDT, W. Franz Kugler über Jakob Burckhardt. In: *Kunstchronik und Kunstmarkt*, n. 49/50, 8/15 September 1922, p. 827, apud FERNANDES, C, op. cit., As contribuições de Jacob Burckhardt ao Manual de História da Arte de Franz Kugler, p. 101.

²⁹ FERNANDES, C, op. cit., *As contribuições de Jacob Burckhardt ao Manual de História da Arte de Franz Kugler*, p. 117.

³⁰ DRU, A. “Introdução”. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 62.

aposentadoria. A proposta fora feita no ano de 1872 em sua residência, por meio de uma visita não oficial de Ernest Curtius (1814-1896), então dirigente da comissão responsável pela escolha do sucessor de Ranke em Berlim.³¹ Burckhardt rejeitara o convite e buscara tratar dos assuntos referentes à renúncia ao cargo com um profundo silêncio, negando tudo a boa parte dos que o perguntavam, uma vez que não gostava de se envolver em polêmicas. “O salário foi, então, ligeiramente reduzido, e o posto aceito por Treitschke.”³² Em uma carta endereçada a Friedrich von Preen, de junho de 1872, o historiador esclarece para o amigo, o que verdadeiramente ocorreu, após a sua indicação a honrosa cadeira de Ranke em Berlim.

O que o Dr. Kaiser lhe escreveu é verdade. Pelo bem de Curtius, mantive profundo silêncio em torno do assunto, mas quatro semanas depois o assunto se espalhou por Berlim e Leipzig e chegou aqui. Neguei tudo para boa parte dos estudantes, para que não tivesse que receber nenhum cumprimento público. Eu não iria para Berlim por dinheiro algum; deixar a Basileia atrairia uma maldição sobre mim. Nem tampouco é grande meu mérito no que tange a esse assunto; para nada serviria um homem de cinquenta e quatro anos que não soubesse onde reside sua modesta porção de (relativa) boa sorte. Tivesse eu aceitado, estaria em um estado de espírito suicida; em vez disso, porém, as pessoas se sentem agradecidas em relação a mim e, aqui e ali, cumprimentam-me discretamente. Oficialmente nada se sabe sobre o assunto, pois eu queria evitar qualquer estardalhaço. Por outro lado, é um grande triunfo para Treitschke – boa sorte para ele!³³

Quais seriam as causas que levaram Burckhardt a rejeitar a cátedra do seu antigo mestre? Alguns anos antes, em 1867, o historiador “já havia declinado as ofertas das cátedras das Universidades Tübingen e Heidelberg.”³⁴ No entanto, agora se tratava de ocupar a “mais distinta posição do mundo acadêmico alemão.”³⁵

As razões para a recusa nunca foram totalmente elucidadas, o que sabemos, através da correspondência de Burckhardt, é que o historiador matinha uma verdadeira antipatia pelo clima de competição presente entre os eruditos na

³¹ OLIVEIRA, Janaína Pereira. *A História da Cultura como Crítica à Modernidade*: Jacob Burckhardt e a Historiografia do Século XIX. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura. Rio de Janeiro: PUC, 2001, p. 5.

³² DRU, A. “Introdução”. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 50.

³³ Carta de 28 de junho de 1872 a Friedrich von Preen, in BURCKHARDT, op. cit., *Cartas*, p. 287.

³⁴ OLIVEIRA, J. *A História da Cultura como Crítica à Modernidade*, op. cit., p. 5.

³⁵ DRU, A. “Introdução”. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 50.

Universidade de Berlim que, em sua opinião, “brigavam feito cães e gatos”. Em uma carta, quando ainda era aluno da Universidade de Berlim, diz Burckhardt para Henrich Schreiber:

E os doutores, então! Todos se odeiam uns aos outros como veneno, e eu não faria questão de ensinar aqui nem por quatro mil táleres ao ano. Porém, pode-se aprender um pouco.³⁶

Além do mais, o historiador acreditava que não deveria deixar a Basileia por motivo nenhum, pois o que realmente lhe importava era preservar e transmitir a tradição cultural. E isso poderia ser feito mais facilmente caso ele permanecesse em uma pequena cidade onde a liberdade era valorizada.

A cidade da Basileia teve importância central na vida de Burckhardt. Na Introdução da edição brasileira da correspondência do autor, Costa Lima chama a atenção para o fato de que descontada a temporada de estudo na Alemanha e os períodos curtos de viagem e pesquisa (Paris, Itália, Londres e Alemanha), dos quase 80 anos de vida (1818-1897) do historiador, ele passará 68 anos na Basileia.³⁷ Além disso, é possível identificarmos uma estreita conexão entre a concepção histórica do suíço e a tradição erudita da cidade. Como assinala Cássio Fernandes:

Um dos traços mais marcantes que se pode perceber na história da recepção da obra de Jacob Burckhardt (1818-1897) diz respeito à ligação entre o teor de seus escritos e a tradição da cultura cidadina de sua cidade natal, Basileia.³⁸

Cidade-estado remanescente da era medieval, a Basileia buscará, por muito tempo, conservar a sua autonomia política e resistir à expansão pela qual passava o mundo moderno. Estabelecida às margens do Reno, a cidade-estado fora uma importante rota comercial da Europa, sobretudo nos séculos XV e XVI. Situada na fronteira entre a Suíça, a França e a Alemanha, segundo Carl Schorske a Basileia se localizava:

³⁶ Carta de 11 de agosto de 1840 a Heinrich Schreiber, in BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*, op. cit., p. 137.

³⁷ LIMA, Luiz Costa. Alguém para ser conhecido: Jacob Burckhardt. In: BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, p. 9.

³⁸ FERNANDES, Cássio. O humanismo em Basileia e a obra de Jacob Burckhardt. In: ARAUJO, Valdeí (Org.). *A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2008, p. 125.

entre algumas das divisões mais profundas e fortes da Europa: entre as línguas e comunidades culturais francesas e alemãs, entre a monarquia francesa frequentemente belicosa e expansionista e o Sacro Império Romano, entre o protestantismo, ao norte, na Alemanha, e o catolicismo, a oeste, na França.³⁹

Entretanto, apesar desse clima de trocas comerciais e culturais, a Basileia mantinha-se limitada no acesso a imigração e à cidadania. A participação cívica era restrita às famílias que ali residiam por gerações, e em geral, o seu acesso era controlado por uma pequena oligarquia pertencente às corporações de ofício.⁴⁰

Com relação à política externa - a Basileia buscava uma posição conciliadora entre os seus vizinhos - e mesmo após entrar na Confederação Suíça, em 1501, se comprometeu a não utilizar as forças armadas em disputas internas e a empregar a sua habilidade diplomática para arbitrar possíveis conflitos entre os demais membros da confederação.

Devido a tais características, Carl Schorske definiu a Basileia como “uma combinação paradoxal de cosmopolitismo sofisticado e provincianismo tacanho.”⁴¹ A atmosfera cosmopolita e conservadora da cidade veio ao encontro da cultura humanista e fez da Basileia um lugar original no cenário europeu. Sua universidade, fundada em 1460, pelo humanista italiano Enea Silvio Piccolomini, ordenado Papa sob o nome Pio II⁴², tornou-se um grande centro de produção e divulgação do saber acadêmico. Por volta do século XVI, a cidade destacou-se, também, como um grande centro editorial da Europa. Além disso, Basel fora escolhida, em diferentes momentos e por razões distintas, como local de refúgio para inúmeros artistas e intelectuais, dentre eles encontra-se Erasmo de Roterdã.

Erasmo de Roterdã exerceu uma forte influência sobre a história da Basileia. Humanista católico e conciliador, o erudito contribuiu para que o fanatismo limitador das lutas religiosas fosse abrandado, poupando a cidade das

³⁹ SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 74.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Ibid.

⁴² Segundo, Cássio Fernandes: “Piccolomini ocupou, na *Cultura do Renascimento na Itália de Burckhardt* (edição original: 1860), aquele lugar reservado aos homens extraordinários do século XV, do qual fazia parte também Leon Battista Alberti. Dos escritos de Piccolomini, o historiador suíço valeu-se como fonte histórica em quase a totalidade dos capítulos de seu livro de 1860.” Para mais detalhes sobre a influência de Piccolomini na obra de Jacob Burckhardt consultar: FERNANDES, C. In: ARAUJO, V., op. cit., *A dinâmica do historicismo*, p. 128-129.

piores consequências da crise religiosa.⁴³ Burckhardt admirava Erasmo e conservava na parede de seu escritório uma imagem na qual o humanista era retratado. Sobre isso, escreve Cássio Fernandes no fragmento abaixo:

Sabe-se que na parede de seu austero gabinete de trabalho, em sua residência em Basiléia, Burckhardt tinha estampada uma cópia da gravura de Albrecht Dürer em que cintilava o retrato de Erasmo de Roterdã, em pé diante de sua escrivaninha, escrevendo.⁴⁴

O legado de Erasmo para os basileenses, e para Burckhardt fora importante não somente para dar um ar cosmopolita e conciliador à cidade, mas também serviu “como base para a transposição do humanismo italiano para o cenário europeu, séculos antes da importância adquirida na Europa pela obra de Jacob Burckhardt.”⁴⁵

O século XVIII viu a tradição humanista e autônoma da Basileia ser ameaçada pela centralização da República Helvética e por Napoleão. Isso fez com que no período pós-revolucionário, a tradição cultural humanista fosse retomada como centro do “*ethos* cívico da cidade-estado”.⁴⁶ Através de uma reforma educacional realizada durante a segunda década do século XIX, a Universidade fora reestruturada de modo a constituir um território propício para a manutenção do humanismo após a restauração.

O modelo escolhido pelos reformadores, em detrimento do modelo de formação técnica das *grandes écoles* francesas, baseou-se nas reformas promovidas por Wilhelm von Humboldt⁴⁷ na Prússia e na noção de *Bildung*, como instrumento para a formação e o cultivo do espírito. Conforme descreve Cássio Fernandes:

Em 1818, ano do nascimento de Burckhardt, o Conselho de Educação de Basiléia aprovava uma nova legislação educacional, que fazia entrar as

⁴³ SCHORSKE, C., op. cit., p. 75.

⁴⁴ FERNANDES, C. In: ARAUJO, V. *A dinâmica do historicismo*, op. cit., p. 128.

⁴⁵ Ibid., p. 133.

⁴⁶ SCHORSKE, C., op. cit., p. 76.

⁴⁷ Humboldt foi responsável pela reforma pedagógica que estruturou a fundação da Universidade de Berlim, em 1810. Como conselheiro do Estado Prussiano “é nesse período que ele colabora com o projeto da universidade moderna com ênfase na pesquisa e com a liberdade de cátedra apoiadas pelo Estado, mas sem a intervenção do mesmo.” Para maiores informações consultar: CALDAS, P. Wilhelm von Humboldt (1767-1835). Apresentação. In: MARTINS, Estevão (Org.). *A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 73-75.

ramificações do neo-humanismo alemão do final do século XVIII. Tal legislação atribuía ao Pädagogium, cuja atuação reforçava a ligação entre o liceu e a universidade, a tarefa de imprimir aos jovens da cidade o interesse e o conhecimento da cultura clássica.⁴⁸

Jacob Burckhardt, que fora formado em meio a um compromisso educacional humanista, buscará dar continuidade a esse legado durante toda a sua vida. Isto pode ser observado, na medida em que o historiador trava uma longa batalha para preservar a cultura clássica das mudanças políticas e econômicas pelas quais passava a Europa no século XIX. Dedicase com amor ao ofício de professor, procurando divulgar o seu conhecimento entre acadêmicos e diletantes; e ambiciona fazer do homem da Bildung “no mundo ameaçador do Estado de massa, não mais esperto para o amanhã, e sim mais sábio para sempre.”⁴⁹

Conforme destaca Janaína Pereira de Oliveira, o historiador da Basileia “via claramente que não era possível pensar livremente no interior de um estado centralizado, com forte militarismo e crescente industrialização.”⁵⁰ Sendo assim, a Basileia simbolizava para Burckhardt um lugar a salvo desses acontecimentos, um “ponto arquimediano”⁵¹ fora dos eventos, onde ele poderia levar a sua vida de forma tranquila dedicando-se às suas pesquisas históricas.

2.4

Do “Conservadorismo”

O historiador suíço temia a revolta das massas, uma vez que essas ameaçavam a individualidade, e via com pessimismo e alarme o crescimento das democracias. Partilhava, também, um sentimento de perda constante da tradição europeia, após acontecimentos como as revoltas populares da década de 1840, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial e as Guerras Napoleônicas; observava com desconfiança a modernidade, buscando na Grécia Clássica seu

⁴⁸ FERNANDES, Cássio. *Jacob Burckhardt e a preparação para a Cultura do Renascimento na Itália*. In: Fênix - Revista de História e Estudos Culturais. Uberlândia, Minas Gerais, vol. 3, n. 3, p. 1-18, jul./ago./set. 2006. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF8/ARTIGO2-Cassioda.Silva.Fernandes.pdf>. Acesso em: 11/01/2014.

⁴⁹ SCHORSKE, C., op. cit., p. 87.

⁵⁰ OLIVEIRA, J. *O Futuro Aberto*, op. cit., p. 160.

⁵¹ O termo “ponto de Arquimedes” é adotado por alguns comentadores de Burckhardt como: Lionel Gossman, Janaína Pereira de Oliveira e Alexander Dru. Para mais informações consultar: GOSSMAN, L. *Basel in the Age of Burckhardt*, op. cit., p. 91; OLIVEIRA, J. *O Futuro Aberto*, op. cit., p. 160; DRU, A. “Introdução.” In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 55-56.

modelo. Em 28 de fevereiro de 1846, Burckhardt escreve para o amigo Hermann Schauenburg:

Sim, eu quero escapar de todos eles, dos radicais, dos comunistas, dos industrialistas, dos intelectuais, dos pretensiosos, dos racionais, dos abstratos, do absoluto, dos filósofos, dos sofistas, dos fanáticos pelo Estado, dos idealistas, dos “istas” e “ismos” de todo tipo [...].⁵²

Cinco dias após a correspondência citada acima, o historiador escreve novamente para Hermann. Nesta outra carta, opõe-se ao radicalismo ativo do amigo e afirma, na tentativa de convencê-lo a partilhar de sua posição conservadora, que o destino de ambos era colaborar para a preservação da cultura da velha Europa. Para Burckhardt, escrever e dar aulas de história eram a forma encontrada de preservar a tradição, frente às mudanças do seu tempo, e de se contrapor às filosofias da história.

Todos nós podemos perecer, mas quero ao menos descobrir em nome de que interesse devo perecer, a saber, a velha cultura da Europa. Parece-me que quando o tempo chegar, nos encontraremos na mesma sagrada companhia. Livre-se de suas ilusões, Hermann! Depois da tempestade uma nova existência surgirá, erguida sobre velhas e novas fundações; este é seu lugar, e não na linha de frente de ações irresponsáveis. Nosso destino é ajudar a construir mais uma vez quando a crise tiver passado.⁵³

Hermann e Burckhardt se conheceram por intermédio de Eduard Shauenburg que, na ocasião da partida do historiador de Berlim em 1841, pediu para que este entregasse uma carta para o seu irmão mais velho, que ensinava medicina em Leipzig. Burckhardt entregou a carta para Hermann e encantou-se com as poesias e a companhia deste. Eles discutiram sobre política e, apesar das divergências de pensamento no que concerne a esse assunto, tornaram-se grandes amigos. Em uma carta de 1841 para a irmã Louise, o historiador definiu Hermann como um “ultraliberal”⁵⁴ em oposição ao seu pensamento conservador, contudo reafirmou, para a irmã, a atitude adotada por eles de respeito mútuo.

Burckhardt não acreditava que a democracia conduziria a Europa à liberdade e achava os socialistas perigosos em virtude de suas promessas e sua

⁵² Carta de 28 de Fevereiro de 1846 a H. Schauenburg, in BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*, op. cit., p. 198.

⁵³ Carta de 05 de Maio de 1846 a H. Schauenburg, *ibid.*, pp. 200-201.

⁵⁴ Carta de 05 de Abril de 1841 a Louise Burckhardt. *ibid.*, p. 142.

crença em um assunto no qual “os meios, o fim e o ponto de partida estão fora de controle.”⁵⁵ No que concerne ao sufrágio universal e a igualdade entre os homens, via tais práticas como um círculo vicioso que levaria ao sacrifício de inúmeras coisas, como “posições, possessões, (...) modos civilizados (...)”⁵⁶ para agradar as massas, para fazê-las acreditar que o “progresso” estaria em andamento. Para o autor, isso acarretaria na mediocrização da sociedade. Na sua visão, as metrópoles modernas não poderiam ser consideradas democráticas se comparadas à polis grega. Com relação à arte, o suíço acreditava que os Estados burgueses, na sua busca pela igualdade, causariam uma burocratização da espontaneidade criadora, que levaria a uma escassez de artistas e obras de arte relevantes.

O conservadorismo de Burckhardt, contudo, não se restringe somente ao seu posicionamento político. Costa Lima afirma que este se reflete, também, na concepção historiográfica Burckhardtiana. Sua aversão tanto à ideologia do progresso quanto às ideologias deterministas da história faz dele um conservador frente ao otimismo e ao negativismo sistemático de seus contemporâneos.

Segundo Alberto Coll, o conservadorismo de Burckhardt “não era nem ideológico, nem extremo.”⁵⁷ Afinal, ele se aborrecia com qualquer tipo de radicalismo, afirmando querer se manter conscientemente distante de todos eles.⁵⁸

O distanciamento do historiador no que diz respeito a política, não correspondia a uma alienação total com relação aos acontecimentos da sua época, uma vez que Burckhardt estava alerta a tudo que acontecia ao seu redor e buscava seguir cumprindo a sua tarefa de cultivar a cultura histórica, instigando os seus alunos à reflexão, frente às mudanças políticas da modernidade. Como observa Ernani Chaves, citando um trecho de Karl Löwith:

Em Burckhardt, o elemento “a-político” reside na distância do historiador em relação aos acontecimentos do seu próprio tempo e a História (em especial dos séculos III e IV) é o meio através do qual nos confrontamos com o presente (Löwith, 12, p. 62). O elemento “político”, por sua vez, ou a “Política”, como ele prefere, só poderia ser eficaz se compreendido em sentido grego, em especial no de Tucídides, pois este é considerado como o primeiro a subsumir os acontecimentos históricos a uma “observação de caráter geral” (Löwith, 12, p.364). Assim, não só “político” e “a-político” acabam por se mesclar, como

⁵⁵ Carta de 28 de Junho de 1845 a Gottfried Kinkel, *ibid.*, p. 196.

⁵⁶ Carta de 10 de Setembro de 1881 a Max Alioth, *Ibid.*, p. 365.

⁵⁷ COLL, Alberto. Introdução à edição do Liberty Fund. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 36.

⁵⁸ Burckhardt faz essa afirmação em carta, já citada, de 28 de Fevereiro de 1846, escrita para Hermann Schauenburg, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 198.

também o elemento “a-político” não pode ser confundido com “anti-político”, como uma desqualificação absoluta da atividade política ou como um desinteresse pelos acontecimentos da época.⁵⁹

Em sua correspondência, Burckhardt esboçou algumas previsões sobre o futuro da velha Europa que, de certa forma, se concretizaram. Isso fez com que ele fosse considerado, por alguns, como um profeta.⁶⁰ Como coloca Peter Gay:

Desde seus primeiros anos, Burckhardt foi um profeta. Como Kulturpessimist da espécie mais imitigável, ele pressagiou, como afirmei, um mundo de ditatorialismo, de conformismo, de materialismo e invencível vulgaridade. Mas, em seus textos históricos, conteve sua paixão profética.⁶¹

Não obstante, vamos nos ater a afirmar que Burckhardt temia pelo futuro e arriscava alguns palpites sobre ele, uma vez que acreditava que a união das massas a um Estado militarizado propiciaria o surgimento de tiranos que, na sua busca por poder, aniquilariam as liberdades individuais. Escreve, em 1845, a Gottfried Kinkel:

Conheço muito da história para esperar outra coisa do despotismo das massas além de uma futura tirania, que significará o fim da história. (...) Creia-me, o “povo político”, ao qual certas pessoas apelam com jactância, não existe ainda, pelo menos não na Alemanha ou na Suíça; em vez disso, existem as massas, e em meio a elas inúmeras pessoas esplêndidas, ainda não-desenvolvidas, imaturas o suficiente para cair nas mãos do primeiro suíno que aparecer, e se comportarem como animais.⁶²

Nos seus anos de juventude, Burckhardt usava “cabelos longos, tocava piano, compunha, desenhava e escrevia poemas.”⁶³ Conforme escreve Janaína Pereira de Oliveira, nesse período:

Burckhardt acreditava-se um liberal *stricto sensu* lutando contra as forças conservadoras, compartilhando o otimismo proveniente da política do *juste milieu*

⁵⁹ Löwith, Karl. Burckhardt und Nietzsche. In: *Sämtliche Schriften*, Band 7, Stuttgart, J.B. Metzlerschen Verlagsbuch-handlung, 1984, apud CHAVES, Ernani. *Cultura e política: o jovem Nietzsche e Jakob Burckhardt*. In: *Cadernos de Nietzsche*, Departamento de Filosofia da USP. São Paulo, n. 9, p. 41-66, 2000, p. 52.

⁶⁰ Otto Maria Carpeaux trata dessa questão em: CARPEAUX, Otto Maria. *Jacob Burckhardt: o profeta de nossa época*. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/textos>. Acesso em: 03/12/2013.

⁶¹ GAY, Peter. *O estilo na história*: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 148.

⁶² Carta de 18 de Abril de 1945 a Gottfried Kinkel, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 194.

⁶³ BURKE, P. Introdução. In: BURCKHARDT, J. *A Cultura do Renascimento na Itália*, op. cit., p. 17.

sobre o curso da história (...) Entretanto, os levantes populares desta década, afetaram-no em cheio, alterando radicalmente a sua conduta, fomentando nele o desejo de partir de sua cidade.⁶⁴

Ainda jovem ele renuncia à fé dos pais, desilude-se amorosamente e decepçiona-se com a vida política. No decorrer da sua vida, o historiador passou a dedicar-se a uma existência mais moderada, concentrando-se no ofício de professor e buscando, no tempo livre, dedicar-se às suas pesquisas.

É compreensível que o Burckhardt maduro, aquele que alimentava uma verdadeira antipatia pela Revolução Francesa, pela democracia, pelo socialismo, pelo progresso, pelas grandes cidades, pelo militarismo e pela industrialização, receba a alcunha de pessimista. Essa classificação, entretanto, deve ser empregada com cuidado, uma vez que, a despeito de toda a sua descrença com relação às inconstâncias do mundo moderno, o historiador tenha acreditado na *Bildung* e na *Kultur* como um caminho a seguir, temas que serão analisados mais detalhadamente no decorrer do segundo capítulo.

2.5

Da relação com Friedrich Nietzsche

Em 1869, Friedrich Nietzsche é nomeado professor de filologia clássica na Universidade da Basileia. Logo após a sua chegada, Nietzsche ainda jovem, com 24 anos, conhece o professor Jacob Burckhardt por quem desenvolve uma profunda admiração. O jovem filólogo passa a assistir as aulas do historiador sobre o Estudo da História, e fica impressionado com as ideias de Burckhardt. Em uma carta, já citada neste trabalho, ele escreve para Von Geersdorff:

tive o prazer que gostaria de ter compartilhado com você acima de todos, de ouvir uma palestra de Jacob Burckhardt. Ele deu uma palestra sem anotações sobre a grandeza histórica que se situa inteiramente dentro de nossos pensamentos e sentimentos. Esse comum homem de meia-idade realmente não tenta falsificar a verdade, mas encobri-la, apesar de que, em nossos passeios e conversas confidenciais, ele chama Schopenhauer de “nosso filósofo”. Estou assistindo as suas aulas semanais na universidade sobre o estudo da história, e acredito que sou o único de seus sessenta ouvintes que entende sua profunda linha de pensamento, com todos os seus estranhos circunlóquios e interrupções abruptas sempre que o assunto toca a sua problemática, Pela primeira vez em

⁶⁴ OLIVEIRA, J. A *História da Cultura como Crítica à Modernidade*, op. cit., p. 61.

minha vida gostei de uma palestra: e mais, é o tipo de palestra que devo ser capaz de dar quando for mais velho.⁶⁵

Jacob Burckhardt, também reconheceu a originalidade do jovem filólogo, sobre ele escreve em carta de 1871 para Arnold Von Sales:

Herr B. lhe dirá em detalhes tudo sobre as conferências de Nietzsche (trabalhando em nossa universidade); ele ainda nos deve uma última, da qual esperamos algumas soluções para as questões e lamentações que lançou em estilo tão grandioso e ousado (...). Nietzsche se mostrou encantador em alguns trechos, e então se ouviu de novo uma nota de profunda tristeza, e ainda não vejo como os *auditores humanissimi* irão extrair disso algum conforto ou explicação. Uma coisa ficou clara: um homem de grandes talentos que adquire tudo em primeira mão e passa adiante.⁶⁶

Nietzsche foi um assíduo ouvinte do curso de Burckhardt acerca da história, ministrado no semestre de inverno de 1870/1871, sobretudo das aulas sobre a “grandeza histórica.” Além disso, não podendo estar presente nas conferências proferidas por Burckhardt sobre a “História Cultural dos Gregos”, Nietzsche o esperava ao final de cada aula, para que o historiador recapitulasse no caminho para a casa os principais temas abordados.⁶⁷

As posições conservadores de Burckhardt chamam a atenção de Nietzsche e se aproximam do seu diagnóstico de crise da cultura. Ambos discordam dos nacionalismos, dos crescentes avanços da indústria, dos benefícios da democracia e preocupam-se com a preservação da cultura.

O interesse pelas ideias de Arthur Schopenhauer, a visão pessimista sobre a Grécia, e os acontecimentos europeus do período criaram afinidades entre os dois intelectuais. “Ambos eram atormentados pelo medo da guerra, ou melhor pela era das guerras que os dois anteviam, trazendo em seu bojo a destruição de monumentos e da arte do passado.”⁶⁸

No período conturbado do fim da guerra Franco-Prussiana instala-se a Comuna de Paris. Durante a última semana de maio, a Comuna é suprimida pelas forças da Monarquia, o palácio das Tulherias é incendiado e espalha-se um boato que o Museu do Louvre e todas as suas obras também teriam sido atingidos.

⁶⁵ DRU, A. “Introdução”, in: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 83.

⁶⁶ Carta de 21 de abril de 1872 a Arnold von Salis, In BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 284.

⁶⁷ CHAVES, E., op. cit., p. 43.

⁶⁸ DRU, A. “Introdução”, in: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 84.

Burckhardt e Nietzsche ficam desesperados e correram a procura um do outro lamentando o (falso) acontecimento.

A Guerra Franco-Prussiana e os possíveis acontecimentos da Comuna serviram para reforçar o diagnóstico de fragilidade da cultura detectado por eles. Ambos temiam as ameaças que estavam por vir, no entanto, enquanto Burckhardt acreditava que a sua missão era preservar a cultura clássica frente às mudanças da modernidade, o jovem Nietzsche reivindicava uma atitude ativa e “criadora”, mais próxima da vida, distanciando-se assim do seu mestre.

Em 1873, Nietzsche, ainda sob a impressão das aulas de Burckhardt, escreve *a Segunda Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida*. Uma análise da *Segunda Consideração Intempestiva* possibilita-nos observar a influência de Burckhardt no pensamento do jovem Nietzsche, sobretudo no que diz respeito ao conceito de “Kultur” (cultura), à questão da “grandeza histórica”, as críticas às Filosofias da História, as suas reflexões sobre a Grécia Antiga e o contato entre a história e a arte.

Assim que terminou, em 1874, a redação da *II Intempestiva*, Nietzsche enviou o texto a Burckhardt dizendo-lhe que havia se inspirado em suas aulas para a construção dos seus escritos sobre a história.

Reservado, Burckhardt, não emite opinião alguma publicamente, apenas responde educadamente ao filósofo; evitando as críticas, mas também sem fornecer um parecer completamente favorável. O historiador afirma não se considerar capaz de refletir sobre as especulações filosóficas que Nietzsche lança sobre a história. Segundo ele, sua função era atuar como professor e dessa forma “dar às pessoas a estrutura indispensável para que seus estudos futuros, sejam do que for, não se tornem sem propósito.”⁶⁹ Ao final da carta escreve ele:

Desta vez você despertará o interesse de numerosos leitores porque o livro coloca uma incongruência realmente trágica ante nossos olhos: o antagonismo entre o conhecimento histórico e a capacidade de fazer ou de ser e, depois, novamente, o antagonismo entre o enorme amontoado de conhecimento adquirido e as razões materialistas da época.⁷⁰

⁶⁹ Carta de 25 de fevereiro de 1874 a Friedrich Nietzsche, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., pp. 296-297.

⁷⁰ Ibid.

Nietzsche continuou enviando seus livros a Burckhardt a espera de uma resposta encorajadora, no entanto as respostas vão se tornando, com o passar do tempo, simpáticas, porém um tanto breves⁷¹. Até o fim da sua vida, mesmo após colapso psíquico que o leva a insanidade, Nietzsche continua a escrever para Burckhardt, uma de suas últimas cartas escrita em Turim, no ano 1889, tem Burckhardt como destinatário.⁷²

Nas suas cartas para Nietzsche, Burckhardt escreve repetidamente sobre a sua inaptidão para a o pensamento filosófico. Devido a isso, o historiador se considera incapaz de analisar corretamente todos os aspectos da obra de Nietzsche. Burckhardt, também costuma tecer rápidos comentários, em geral sobre liberdade de pensamento do filósofo e a sua força para colocar tudo de “cabeça para baixo da mais esplendida maneira!”⁷³

No fim da sua vida, quando o historiador eclesiástico Ludwig Von Pastor se propôs a contradizer a sugestão de que o seu Renascimento expressava a mesma visão de tiranos e do poder expressa no Zaratustra, de Nietzsche⁷⁴, Burckhardt responde em carta de 1896 para Ludwig que nunca tivera com o filósofo qualquer diálogo sobre o assunto e que o nome de Nietzsche virara um golpe de publicidade nas mãos da sua irmã. Como expõe Dru:

Frau Förster-Nietzsche tinha de fato, visitado Burckhardt com a intenção de aproximá-lo da mistificação que estava sendo preparada sobre a vida do seu irmão. Burckhardt, porém, adivinhou as suas intenções e fez o papel do Wölfin, de um velho cavalheiro senil. Frau Förster-Nietzsche foi embora de mãos vazias.⁷⁵

⁷¹ Destacou-se alguns trechos dessa troca de correspondência: “Onde não posso segui-lo, observo, com um misto de medo e prazer, para ver quão convicto você caminha à beira dos mais vertiginosos rochedos, e tento formar para mim mesmo alguma imagem do que você deve ver nas profundezas e à distância (...)” Carta de 5 de abril de 1879 a Friedrich Nietzsche, in BURCKHARDT, *ibid.*, p. 338; “Seu Fröliche Wissenschaft [A Gaia Ciência] chegou até mim há três dias, e, como você pode bem imaginar, o livro foi o ensejo uma renovada admiração (...)” Carta de 13 de setembro de 1882 a Friedrich Nietzsche, in BURCKHARDT, *ibid.*, p. 370; “O livro [Além do Bem e do Mal] vai muito além de minha pobre e velha mente, e sinto-me idiota ante o pensamento de sua assombrosa percepção de todos os movimentos espirituais e intelectuais da atualidade (...). Carta de 26 de setembro de 1886 a Friedrich Nietzsche, in BURCKHARDT, *ibid.*, p. 376.

⁷² Para maiores detalhes sobre essa carta, consultar: LARGE, Duncan. *'Nosso Maior Mestre': Nietzsche, Burckhardt e o conceito de cultura*. Cadernos Nietzsche. São Paulo, n. 9. p. 3-39. Departamento de Filosofia da USP, 2000.

⁷³ Cartas de 13 de setembro de 1882 a Friedrich Nietzsche, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 371.

⁷⁴ DRU, A. “Introdução”, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 82.

⁷⁵ *Ibid.*

Nesta mesma carta, Burckhardt descreve o seu relacionamento com Nietzsche como eventual, apesar das sérias e amigáveis discussões que eles travavam.⁷⁶ Por fim, isso nos faz perceber que enquanto Nietzsche buscava através de suas cartas a aprovação, ou ao menos a opinião do historiador, Burckhardt, como nos seus demais relacionamentos, agia de modo formal e distante com relação a Nietzsche.

2.6

Do antissemitismo

Sobre o embaraçoso e presente antissemitismo Burckhardtiano, Lionel Gossman afirma que ele não era trivial como muitos insistem em classificar.⁷⁷ Em uma carta de 2 de janeiro de 1880 endereçada ao amigo Friedrich Von Preen, escreve Burckhardt a propósito dos judeus:

No momento recomendaria prudência e grande moderação aos semitas (...), o liberalismo, que até agora defendeu os semitas, não será capaz de resistir à tentação de agitar esse ódio particular. O liberalismo não conseguirá ficar olhando por muito mais tempo enquanto conservadores e católicos possuem o trunfo mais popular que existe e o manipulam contra eles. Assim que se tornar seguro para o Estado envolver-se em vez de olhar, haverá uma mudança. Os semitas terão, então de se penitenciar por sua injustificável interferência em tudo, e os jornais terão de dar o aviso-prévio a seus editores e correspondentes, se quiserem continuar vivos. Esse tipo de coisa pode facilmente tornar-se contagioso de um dia para o outro.⁷⁸

Nesse trecho da carta, iniciamos a leitura com a impressão de que Burckhardt buscava somente chamar a atenção dos judeus para os perigos de suas relações com o Estado. No entanto, há uma sutil tomada de posição, por parte do historiador nas frases finais desse fragmento ao afirmar que “os semitas terão então de se penitenciar por sua injustificável interferência em tudo.”⁷⁹ Nesse momento, Burckhardt deixa transparecer a sua antipatia aos costumes dos judeus.

⁷⁶ “Além disso, uma vez que me falta por completo a veia filosófica, percebi, na época de sua indicação para cá, que meu relacionamento com ele não lhe seria de qualquer valia, e por isso permaneceu ocasional (...).” Carta de 13 de janeiro de 1896 a Ludwig von Pastor. In BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit. p. 408.

⁷⁷ GOSSMAN, Lionel. “*Jacob Burckhardt: Cold War Liberal?*” *The Journal of Modern History*, “vol. 47, i.3, 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 06/01/2014, p. 7.

⁷⁸ Carta de 2 de Janeiro de 1880 a Friedrich Von Preen, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 356.

⁷⁹ Ibid.

Em uma carta anterior datada de 1872, também destinada a Von Preen, Burckhardt já dava sinais de seu posicionamento antissemita. Ao analisar um caso específico na imprensa da época, ele afirma ter clareza do “crescente desagrado em relação aos todo-poderosos judeus e sua imprensa extremamente venal,”⁸⁰ ao optar por adjetivar os judeus como “todo-poderosos”, notamos que o historiador novamente emite um juízo de valor sobre o povo judeu.

Fritz Ringer demonstra no livro “*O Declínio dos Mandarins Alemães*” que os sentimentos antissemitas estavam bastante difundidos na comunidade acadêmica alemã em fins do século XIX.⁸¹ O autor distingue três tipos diferentes de antissemitas alemães, o primeiro seria o comerciante que se sente ameaçado pelo desenvolvimento econômico moderno e com isso projeta o seu ressentimento no “capitalista judeu”; o segundo seria o entusiasta da ideologia nacionalista, que meio intelectual, meio desajustado despreza as convenções da vida burguesa; e por último existiria o antissemita intelectual membro da ordem acadêmica, aquele que:

Nutre um desprezo profundo um tanto esnobe pelo antissemita “radical”, agitador social, embora possa sentir ocasionalmente um afeto meio paternal pelo “idealismo” do estudante völkisch. Desenvolve suas ideias no quadro da ortodoxia política mandarim. Quando se propõe, nesse contexto, construir uma ponte teórica frágil entre o símbolo do judeu e as falhas da moderna política de interesses e do “materialismo” em geral, joga todo o peso da tradição mandarim no campo antissemita.⁸²

Levando em consideração essa divisão, poderíamos associar Burckhardt ao último grupo. No que concerne ao seu antissemitismo tendemos a concordar, nesta pesquisa, com as observações de Gossman e Gay⁸³, de que essa faceta preconceituosa do historiador encaixa-se com suas disposições políticas. Por fim, podemos dizer que as posições antissemitas de Burckhardt se vinculavam ao seu caráter conservador e às suas críticas à modernidade.

⁸⁰ Carta de 3 de Outubro de 1872 a Friedrich Von Preen, *ibid.*, p. 288.

⁸¹ RINGER, Fritz. *O Declínio dos Mandarins Alemães: A Comunidade Acadêmica Alemã, 1890-1933*. Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 135.

⁸² *Ibid.*, p. 137.

⁸³ GOSSMAN, L. “*Jacob Burckhardt: Cold War Liberal?*”, *op. cit.*, p. 7 e GAY, Peter, *op. cit.*, p. 135.

2.7

Dos diletantes e da História no século XIX

No que tange a aptidão do século XIX para os estudos históricos, Burckhardt apesar de criticar as mudanças pelas quais passava o “século das máquinas encantadas”⁸⁴ e o desejo infundado da sua época em obter um conhecimento prévio do futuro da humanidade, afirma, em seu texto, que o século XIX estaria melhor provido que os séculos passados para o estudo da história.⁸⁵ Conforme escreve Burckhardt:

Apesar de todos os seus aspectos negativos, nossa época apresenta a vantagem de uma formidável receptividade, de uma assustadora capacidade de enriquecimento intelectual. Essa vontade de saber já teria existido antes, e mesmo em excesso: desde a Antiguidade era possível lançar-se a aprender. Somente o nosso século é capaz de uma assimilação intelectual diversificada: ele experimenta interior e exteriormente um interesse por tudo. Esse estado de espírito é favorecido pelas circunstâncias particulares que representam as comunicações internacionais sob sua forma atual, as traduções e a variedade dos meios de reprodução artística.⁸⁶

As vantagens práticas do século XIX para o estudo da história, na sua visão, fizeram com que os estudos realizados, nesse século, adquirissem uma universalidade desconhecida até então. Segundo o historiador:

A História tornou-se infinitamente mais interessante na sua concepção e descrição. Além disso, os pontos de vista sob os quais a analisamos tornaram-se incomparavelmente mais numerosos, graças ao intercâmbio literário e as viagens cosmopolitas do século XIX: o que era distante tornou-se próximo. Em vez de um grupo de conhecimentos isolados, a respeito de fatos curiosos de épocas países distantes, surgiu em seu lugar, o postulado de uma visão global da humanidade.⁸⁷

No entanto, a capacidade do século XIX de assimilação das mais diversas manifestações humanas, salientada por Burckhardt no fragmento acima, carrega também, algumas desvantagens. Como explicita o historiador, ao mesmo tempo

⁸⁴ Escreve Burckhardt: “Perdoe-me por empregar novamente a metáfora das “rodas”, mas ocorre que é assim; outros séculos evocam rios, tormentas, o fulgor do fogo; o século atual chamado de dezenove, sempre me sugere máquinas encantadas.” Carta de 17 de Outubro de 1855 a Albert Brenner, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., 229.

⁸⁵ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 22.

⁸⁶ BURCKHARDT, Jacob. *Sobre a história da arte como objeto de uma cátedra acadêmica*. Tradução Cássio Fernandes. In: MARTINS, Estevão (Org.). *A História pensada*, op. cit., pp. 179 - 180.

⁸⁷ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 22.

em que “o interesse por tudo”, a troca de informações e a ampliação dos meios de difusão do conhecimento possibilitaram aos seus contemporâneos uma visão geral das épocas passadas e de suas formas artísticas, tal facilidade fez com que ocorresse, sobretudo no campo das artes, uma burocratização da espontaneidade criativa. Escreve ele:

A situação mais lamentável da nossa época é a da poesia e da arte, que não dispõem de uma pátria interior neste mundo frenético, nesta região esqualida em que vivemos, ao passo que todo o frescor e toda a espontaneidade da sua produção se revelam hoje seriamente ameaçados. O fato de a produção de poesia e arte sobreviver (isto é, de poesia e arte verdadeiras, já que existem em abundância as mistificações) só se explica pela afirmação vigorosa de seu espírito criador.⁸⁸

Outro traço do pensamento Burckhardtiano alude a sua simpatia pelos historiadores amadores. Para o suíço, “podemos ser diletantes em tantos setores quantos possíveis, pelo menos por conta própria, a fim de aumentarmos a nossa própria faculdade de percepção e ampliarmos os nossos horizontes.”⁸⁹ Mais do que o estudo da história acadêmica, Burckhardt esperava incentivar o interesse pela história.

O historiador postulava que qualquer homem erudito que se interessasse pela história e se dedicasse com afinco teria a capacidade de apreendê-la. Tal pensamento pode ser corroborado ao observarmos a aprovação dele em relação ao diletantismo e a sua opção por dar aulas para um público diversificado em cursos livres. Sobre as conferências de Burckhardt escreve Carl Schorske:

Suas aulas no Pädagogium, a escola preparatória pública para a universidade, lhe eram tão importantes quanto suas preleções universitárias. Para o amador instruído da Sociedade Comercial da Basileia, fez palestras sobre temas que iam de “A arte de cozinhas dos gregos tardios” a “As cartas de madame Sevigné”, preparando suas apresentações com o mesmo cuidado de pesquisa e organização de fontes que seus colegas historiadores dedicavam à escrita. Em qualquer lugar seu objetivo pedagógico era o mesmo: ensinar os homens como compreender a história por meio da contemplação e da reflexão.⁹⁰

No que concerne às distrações, tudo o que tivesse como única função ser instantâneo, deveria ser evitado para o historiador. Sendo assim, Burckhardt

⁸⁸ Ibid., p. 74.

⁸⁹ Ibid., p. 30.

⁹⁰ SCHORSKE, C., op. cit., pp. 84-85.

advertia que evitássemos a leitura de romances e jornais - “que lhe falavam aos nervos”⁹¹ -, estas deveriam ser feitas somente para afastar o tédio e não para que nos alcançássemos o conhecimento em si. Conforme escreve Felix Gilbert: “O realismo e as preocupações sociais do romance e das peças pareciam-lhe, principalmente, sensacionalismo, e ele acusava seus escritores de estarem em busca de recompensas financeiras.”⁹²

Burckhardt era extremamente crítico com relação aos meios de comunicação em massa. No entanto, no início da sua carreira chegou a trabalhar como editor do jornal conservador *Basler Zeitung* tendo rapidamente adquirido uma antipatia por esse ofício. Conforme escreve Costa Lima, “a atividade de jornalista aumentou a sua alergia à vida contemporânea.”⁹³ Desse período no jornal, Burckhardt teria herdado algumas noções que o auxiliariam a observar o que estava por trás dos discursos e das ideias dos grandes líderes. Segundo Dru, a partir desse momento, suas análises do passado seriam “depuradas por sua familiaridade com a técnica da demagogia, da agitação e do uso de slogans idealistas e de meias verdades.”⁹⁴

Com relação às obras literárias, para o historiador, essas se tornam mais cansativas logo que se distanciam da época em que foram escritas. Segundo Burckhardt:

Toda a tradição genuína nos parece aborrecida à primeira vista, principalmente por ser-nos estranha. Ela simboliza os pontos de vista e interesses da sua época e não nos facilita a tarefa de estudá-la, ao passo que as falsas tradições modernas, mais relacionadas conosco, tornam-se mais fáceis e portanto mais interessantes que as falsas tradições antigas.⁹⁵

Conforme afirma Burckhardt, à primeira vista, tanto o “homem semiculto” quanto o erudito sentem um estranhamento com relação à obra. Contudo, enquanto os eruditos, através de um intenso labor, são capazes de levar adiante a leitura e mergulhar no seu universo, os homens semicultos logo se entediam com

⁹¹ BURCKHARDT, Jacob. *História da Cultura grega: Introdução*. Tradução Cássio da Silva Fernandes. In: MARTINS, Estevão (Org.). *A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 174.

⁹² “The realism and the social concerns of novels and plays seemed to him mainly sensationalism, and he charged their authors with writing in pursuit of financial rewards.” GILBERT, Felix. *History: Politics or Culture? Reflections on Ranke and Burckhardt*. Princeton University Press, 1990, p. 66.

⁹³ LIMA, L. Alguém para se conhecido. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 14.

⁹⁴ DRU, A. “Introdução”. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 71.

⁹⁵ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 26.

elas. Para esse homem comum, obras como as de poesia e até mesmo obras divertidas: “de Aristófanes, de Rabelais, o Dom Quixote etc.”⁹⁶ tornam-se “incompreensíveis e monótonas, porque não foram feitas sob medida para ele como o romance moderno.”⁹⁷

2.8

Das três potências ou dos três fatores

Nos seus escritos reunidos no *Reflexões sobre a História Universal*, o historiador suíço identifica a existência de três poderes, ou “três potências” – o Estado, a Religião e a Cultura – “decisivas para a definição de uma sociedade e do lugar que esta ocupa na história.”⁹⁸ Embora consciente das dificuldades de empreender essa divisão, Burckhardt ressalta a “necessidade de fracionar um grande continuum espiritual em categorias isoladas, (...) com o intuito de, de alguma forma poder apresentá-lo”⁹⁹, esse procedimento teria como função fornecer uma visão geral de um determinado período histórico. Vale relembrar, que esses escritos surgiram como anotações para as aulas ministradas por Burckhardt na Universidade da Basileia, e devido a isso carregam consigo uma finalidade didática.

Para Burckhardt, o Estado e a Religião consistiriam em potências estáveis que almejavam obter uma universalidade. Esses dois fatores seriam responsáveis pela produção de uma espécie de controle e utilizar-se-iam da força como meio de assegurar o seu poder. Por outro lado, a Cultura seria a “soma total de criações espontâneas do espírito humano que não reivindicam para si uma validade obrigatória universal”¹⁰⁰, e exerceria uma função regulatória sobre as outras duas potências, com exceção dos casos nos quais as primeiras reprimem-na, fazendo-a trabalhar a seu serviço.

Essas três potências coexistiriam sempre juntas, antagonicamente. Entretanto, o historiador identifica que há épocas predominantemente políticas, épocas preponderantemente religiosas e épocas de equilíbrio entre as potências, que resultaram em um grande florescimento cultural. Tal florescimento, em sua

⁹⁶ Ibid.

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ OLIVEIRA, J. *A História da Cultura como Crítica à Modernidade*, op. cit., p. 69.

⁹⁹ BURCKHARDT, J. *A Cultura do Renascimento na Itália*, op. cit., p. 36.

¹⁰⁰ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 62.

visão, teria ocorrido em Atenas durante a Grécia Clássica e na cidade de Florença na época Renascentista, períodos nos quais viveram “em função dos grandes propósitos da cultura.”¹⁰¹

Conforme afirma Peter Burke, para Burckhardt:

O Egito antigo, o México e o Peru são exemplos de “cultura determinada pelo Estado.” O mundo islâmico ilustra “a cultura determinada pela religião”, ao passo que a *polis* grega revela o Estado determinado pela cultura.¹⁰²

O historiador afirma que não pretende especular sobre as origens ou causas primeiras dessas potências, mas sim definir algumas características essenciais de cada uma delas, para em seguida pesquisar como elas se relacionam.

2.8.1 Do Estado

Burckhardt inicia as suas considerações sobre o Estado, reafirmando que não irá se preocupar com “todas as conjecturas teóricas que pudermos fazer com relação à origem e ao princípio do Estado,”¹⁰³ uma vez que essas seriam vãs e sem utilidade. Segundo ele, através de algumas indagações, devemos esclarecer apenas o necessário para compreender algumas questões, “alguns abismos que se abrem sobre nós”¹⁰⁴ com relação a formação de um povo e posteriormente de um Estado.

O Estado para Burckhardt, não teria surgido da renúncia aos egoísmos individuais, mas da síntese desses egoísmos na esfera pública, que se integrariam a ele e a coletividade que ele representa. Escreve Costa Lima, sobre o Estado para Burckhardt:

A origem do Estado, logo declara, não o preocupa, pois “deriva da desigualdade das capacidades (*Anlagen*) humanas”; ou seja, “a violência é seu princípio”. Disso decorre não ser ele, muitas vezes, senão a sistematização da violência ou o resultado da mistura de fortes e fracos.¹⁰⁵

¹⁰¹ BURKE, P. Introdução. In: BURCKHARDT, J. *A Cultura do Renascimento na Itália*, op. cit., p. 24.

¹⁰² Ibid.

¹⁰³ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 35.

¹⁰⁴ Ibid.

¹⁰⁵ LIMA, L. Alguém para ser conhecido. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 27.

Segundo Burckhardt, o Estado teria se fundado na desigualdade entre os homens e, sempre que necessário, faria uso da força na busca por dominação, pois conforme afirma “o Estado será tanto mais forte quanto mais homoganeamente ele corresponder a toda uma mentalidade popular (...).”¹⁰⁶ Conforme escreve Paula Vermeersch:

Enquanto aos indivíduos isolados é negado o egoísmo e a brutalidade, esses dois fatores são a própria prerrogativa estatal; os homens são obrigados a se conter pela moral, mas o Estado pode profanar templos, matar, torturar, subverter o que ele próprio tanto “defende”, a ordem, e ainda inocentar-se devido ao artifício das leis. Mas com o tempo, observa Burckhardt, esses crimes são expiados até porque os injustos não vivem para sempre, e o Estado precisa legitimar-se.¹⁰⁷

Em relação aos animais, Burckhardt afirma que a sociedade animal é mais perfeita do que o Estado humano, pois o seu funcionamento proporciona a formação de um todo coeso. O historiador utiliza como exemplo as formigas, descrevendo o fato de que mesmo quando elas se encontram isoladas umas das outras, elas continuam agindo como parte integrante do seu agrupamento. Entretanto, no que se refere à liberdade de escolha e a consciência, Burckhardt ressalta que apenas os homens são capazes de “constituir uma sociedade livremente fundada, uma união baseada numa reciprocidade consciente.”¹⁰⁸

O Estado, para Burckhardt, manifesta-se de várias formas, sendo responsável pela configuração interna e externa de uma sociedade, devido a fatores tais quais sua predisposição inicial, o seu desenvolvimento e a influência da religião e da cultura sobre eles. Segundo o historiador, os Estados diferenciam-se entre si, desenvolvendo-se como pequenos ou grandes Estados.

Conforme afirma Burckhardt, os grandes Estados têm como missão realizar grandes obras, “a fim de manter e assegurar a sobrevivência de certas culturas que sucumbiriam de outro modo”¹⁰⁹, estimular as energias inertes de seu

¹⁰⁶ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 36.

¹⁰⁷ VERMEERSCH, Paula. *Jacob Burckhardt e suas reflexões sobre a história*. Revista História Social, Campinas, SP, n. 10, 2003, pp. 224-225. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br>. Acesso em: 20/02/2014.

¹⁰⁸ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 37.

¹⁰⁹ Ibid., p. 39.

povo, “que se atrofiariam, se entregues a si mesmos, formando Estados minúsculos”¹¹⁰, de manter a tradição e de organizar a vida em sociedade.

Em contrapartida, os Estados menores têm como função a concretização da cidadania e da verdadeira liberdade. Essas duas realizações, para Burckhardt, compensariam as vantagens de um Estado grande. A Polis Grega, na visão do historiador, apesar da escravidão, seria o modelo perfeito de como se deve organizar um Estado pequeno. No extremo oposto, encontram-se as pequenas tiranias da Antiguidade e do Renascimento Italiano, que constituíam, para ele, as formas mais falíveis de um Estado.

A Basileia simbolizava o Estado pequeno na vida de Burckhardt. O historiador fazia parte de uma das famílias mais tradicionais da cidade, que teve entre seus integrantes, por mais de um século e meio, vários chefes administrativos locais, os *Bürgermeister*.¹¹¹ Em suas considerações acerca do Estado, o historiador afirma que o Estado pequeno propiciaria o exercício da “verdadeira e concreta liberdade, por meio da qual ele compensa, plena e idealmente, as vantagens imensas dos Estados grandes.”¹¹²

O suíço acreditava que os pequenos estados, em virtude da sua fragilidade e necessidade de aprovação, possibilitariam ao homem uma vida mais livre, onde ele poderia gozar de seus direitos. Dessa forma, para o historiador, o Estado pequeno seria o território da *Bildung* e teria como função contribuir para a preservação da cultura e das tradições.

Burckhardt reconhece que o papel do Estado é transformar a violência em energia vital, cabendo a ele a missão de se expandir interna e externamente, ainda que, para isso, tenha que reprimir os vizinhos mais fracos. Em nome do desenvolvimento do Estado, com o passar do tempo tudo se torna desculpável, desde ações que visem o seu crescimento e segurança até anexações preventivas feitas apenas com o intuito de evitar que um pequeno Estado se torne aliado político do inimigo. O Estado precisa legitimar-se e, devido a isso, justifica-se o uso da violência na busca pelo domínio de novos povos.

Para Burckhardt, o poder era um grande mal. O historiador acreditava que o Estado, ao contrário dos indivíduos isolados, teria o direito de agir de uma

¹¹⁰ Ibid., p. 40.

¹¹¹ GOSSMAN, L. *Basel in the age of Burckhardt*, op. cit., p. 203.

¹¹² BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 40.

forma, teoricamente, não correta em sua busca pelo poder. Todavia, o suíço criticava o modelo de Estado que busca conquistar e escravizar os bárbaros, questionando os seus métodos e as suas normas.

A intervenção do Estado no âmbito da moralidade constituiria, para ele, uma “degeneração ou presunção filosófico-burocrática.”¹¹³ Na sua visão, a moralidade é exclusiva da sociedade, cabendo ao Estado apenas o papel de mero corretor e protetor da mesma. Por fim, conforme afirma Luiz Costa Lima, podemos dizer que essa primeira potência tem uma “clara feição negativa.”¹¹⁴ Negativa esta que marca também o segundo fator, a Religião.

2.8.2 Da Religião

A religião para Burckhardt seria “a expressão das eternas e indestrutíveis necessidades metafísicas da natureza humana”¹¹⁵, e atuaria como complemento de tudo que o homem não consegue por si só. No que diz respeito à sociedade, a religião representaria o reflexo das projeções que os povos e civilizações lançam infinitamente uns sobre os outros. Essas projeções, apesar de se considerarem estáveis e eternas, são sempre passíveis de mutações. Segundo Burckhardt, a análise de uma religião permite que possamos observar o poder exercido pelo grupo sobre os espíritos, levando-os a assumirem atitudes que vão desde a ascese até o martírio. Segundo ele:

apodera-se uma sensação dupla do espírito do observador: paralelamente às considerações, comparações e análise isolada de certos elementos, ele sente que participa de um processo grandioso e percebe a existência de uma estrutura gigantesca, que na sua origem revelou-se provavelmente individual e que só com a suas expansão tornou-se mundial, universal e secular. Aqui temos o mais excelso objeto de estudo do domínio do todo sobre inúmeros espíritos até o total desprezo de tudo que parta da Terra, seja esta renúncia pessoal ou com relação a outrem: até o suicídio, portanto, através da ascese até o martírio, que é procurado com alegria (mas que paira ameaçador, sobre os demais também).¹¹⁶

¹¹³ “Quando o Estado quer instituir diretamente os cânones morais que, na realidade, são da alçada exclusiva da sociedade”. Ibid., p. 43.

¹¹⁴ LIMA, L. Alguém para se conhecido. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 27.

¹¹⁵ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 45.

¹¹⁶ Ibid., p. 45.

Burckhardt afirma que as projeções metafísicas dos povos e seus destinos diferem inteiramente entre si. O historiador afirma que não irá abordar as religiões das “raças menos importantes”, como a dos negros, selvagens e semisselvagens, uma vez que essas populações viveriam vitimadas por um “medo eterno.”¹¹⁷

Segundo Burckhardt:

Nos povos primitivos, encontramos um culto (derivado em parte do respeito, em parte do terror) de fenômenos da Natureza, de forças naturais e aparições da Natureza, bem como existe o culto dos antepassados e os cultos dos “fetiches”, nos quais rituais o ser humano transfere a sua sensação de dependência para um objeto único, que lhe pertence individualmente. Estas religiões correspondem em parte a terríveis pesadelos infantis, cujas aparições hediondas devem ser apaziguadas, em parte correspondem ao assombro que esses povos sentem ao contemplar os astros do firmamento e os demais elementos celestes.¹¹⁸

Vale ressaltar, entretanto, que o historiador afirma não considerar esses povos primitivos como intelectualmente ou moralmente inferiores. Segundo ele, “nem a alma nem o cérebro do homem aumentou comprovadamente em determinadas épocas históricas”¹¹⁹ e caso isso tivesse acontecido, a capacidade intelectual humana há muito já teria atingido o seu máximo. Ainda sobre isso, Burckhardt observa que a religião constitui de um modo geral, a única forma de expressão espiritual desses povos, em virtude de eles não terem a possibilidade de se manifestar por meio da literatura.

Em diversos momentos o historiador afirma que não devemos julgar as sociedades passadas, mas sim compreendê-las. Ora, não seria a utilização do termo “raças menos importantes” uma espécie de julgamento emitido por Burckhardt? Poderíamos levantar a hipótese de um possível sentimento de superioridade por parte do historiador, hipótese que não seria de todo infundada (mas um pouco reducionista) se pensarmos no contexto político e social em que ele se insere. No entanto, devido à contradição existente nos próprios fragmentos do basileense, nos limitaremos a registrar a justificativa dada por Burckhardt para a sua recusa ao estudo das religiões dos povos não civilizados. Segundo ele:

¹¹⁷ Ibid.

¹¹⁸ Ibid., p. 47.

¹¹⁹ Ibid., p. 70.

Essas populações constituem-se, desde o início, presa de um medo eterno. Suas religiões não constituem nem mesmo um critério que possamos seguir a fim de estudarmos a sua emancipação espiritual, pois o espírito entre elas não chegou ainda nem mesmo a uma autonomia espontânea.¹²⁰

Para Burckhardt esses povos não teriam transcendido o estágio de uma “religião natural”¹²¹, ficando estagnados em uma crença primitiva mágica, que inviabilizaria uma análise das suas expressões espirituais.

Em meio aos povos civilizados, Burckhardt também identifica a existência de diferentes manifestações religiosas que variam conforme suas práticas e seu conteúdo, indo desde a “adoração dos deuses imperiais, impostos compulsoriamente aos vencidos, das orgias, bacanais e formas análogas da posse do homem pela divindade até o mais puro amor de Deus e a completa submissão individual a um Pai celeste.”¹²² Da mesma forma, as relações entre religião e moralidade diversificar-se-iam de acordo com as sociedades, diz Burckhardt “no caso dos gregos, por exemplo, a moral existia independentemente da religião, integrando-se mais intimamente no conceito ideal do Estado.”¹²³

O historiador suíço afirma que, ao invés de crermos na teoria da consciência originária de Deus, deveríamos pensar em na religião como uma inconsciente necessidade metafísica do homem, oriunda do sentimento de vinculação deste com uma força do além e o temor que esta lhe provoca.

Segundo Burckhardt, as religiões são criadas por indivíduos ou acontecimentos, que possibilitam um acesso às necessidades metafísicas dos homens. Escreve ele:

Uma parte da humanidade adere a elas porque o fundador ou o acontecimento em si tocou exatamente o ponto vulnerável da sua necessidade metafísica. A massa, em geral, adere também porque não pode resistir a seu fascínio, pois tudo que é claramente delimitado e preciso possui um direito incontestável sobre tudo que é incerto vago e anárquico. Estas massas prendem-se, sem dúvida, tenazmente e com menor esforço à forma e cerimônias exteriores da Religião, (tanto mais que o cerne da Religião lhe permanecerá inacessível) mantendo-se fiel a ela até que uma Religião mais poderosa, que tenha adquirido suficiente “crosta terrestre” à qual a massa se possa agarrar, derrube a Religião precedente, passando então, por sua vez, a ser adorada pelas massas.¹²⁴

¹²⁰ Ibid., pp. 45-46.

¹²¹ Ibid., p. 46.

¹²² Ibid.

¹²³ Ibid., p. 51.

¹²⁴ Ibid., p. 48.

Conforme podemos notar, para Burckhardt as religiões são fundadas repentinamente e passam por um processo de disseminação que aos poucos se fortalece e a religião começa a se expandir institucionalmente. Essas instituições, na sua visão, seriam “resquícios isolados ou ecos do estado de espírito que prevaleceu durante o período de sua criação, como por exemplo, os conventos são resquícios da vida coletiva das primeiras comunidades cristãs.”¹²⁵

Para Burckhardt, as necessidades metafísicas seriam inerentes a todos os homens em todas as épocas, contudo elas se manifestariam de forma diferente entre os povos. O historiador diferencia dois tipos de povos: os povos realistas - que valorizam o trabalho, o desenvolvimento material e a vida terrena - e os povos voltados à contemplação - que valorizam as manifestações do espírito. Segundo ele, os primeiros povos, “imersos na vida prática” receberiam a “Religião Superior” dos segundos, os povos “estático-contemplativos”, e gradualmente a incorporariam ao seu espírito.¹²⁶

Para Burckhardt as religiões dividir-se-iam entre clássicas e missionárias. As clássicas, ligadas ao conceito de Além, seriam as que baseadas em um forte pragmatismo visam a propagação das suas crenças religiosas, gerando “aquelas personalidades ardentes para as quais só há duas alternativas: ou convencer os demais da sua verdade ou destruir tudo aquilo que a contradiga.”¹²⁷ Em oposição às religiões clássicas, as missionárias são as que possuem sistemas panteístas e têm como característica uma forte ligação com o Estado. Como exemplo, temos o politeísmo romano que, segundo Burckhardt, a princípio estabeleceu uma religião nacional e posteriormente tornou-se uma religião imperial.

Outra distinção feita pelo historiador diz respeito às religiões nacionais e às religiões universais. As religiões nacionais são as mais antigas e, em geral, encontram-se arraigadas na cultura e na história de seu povo. Mais compreensivas que as universais, ao tomar contato com as outras religiões, operam de duas maneiras: ou aceitam o intercâmbio entre os seus deuses e os deuses estrangeiros, ou desprezam as religiões diferentes da sua, sem, contudo, salvo exceções, persegui-las. Como exemplo, Burckhardt cita a religião dos gregos e dos romanos

¹²⁵ Ibid., p. 50.

¹²⁶ Ibid., p. 49.

¹²⁷ Ibid., p. 53.

na antiguidade. As religiões universais são representadas pelo cristianismo, o islamismo e o budismo. Elas constituem-se como antinacionais e os seus fiéis encontram-se espalhados pelo mundo. Essas grandes religiões teriam surgido tardiamente e seriam “essencialmente dogmáticas, nas quais o dogma (e não, como nas outras, o rito) tenta dominar o espírito dos fiéis.”¹²⁸ Sendo assim, as manifestações individuais deveriam se moldar à ordem determinada, pois qualquer divergência seria considerada uma heresia. Para Burckhardt as grandes religiões seriam as responsáveis por grandes crises da história, pois, desde a sua gênese, elas têm ciência da sua universalidade e querem a todo custo alcançá-la.¹²⁹

Nas suas bases, as religiões desejam durar tanto tempo quanto durará o mundo palpável. Segundo Burckhardt, o grau de resistência das religiões modifica-se de acordo com a camada social em que ela se insere, ou o poderio que a protege. Contudo, o historiador afirma que uma religião plenamente desenvolvida, a menos que sofra alguma interferência do estado, “será tão eterna quanto a vida do povo no qual está enraizada.”¹³⁰

No que concerne ao grau de resistência e desintegração das religiões, o historiador suíço afirma que, salvo exceções, uma religião identifica-se desde o início com uma situação oficial do Estado, de modo geral, por ela garantida. Esse seu sistema, adaptado “às circunstâncias do momento e baseada nas massas e nos seus hábitos, pode manter o aparato externo desta Religião por um período infinitamente longo (...),”¹³¹ mesmo que essa religião comece a entrar em crise. Segundo Burckhardt, tudo o que fosse dissonante da religião nesse período passaria a ser considerado heresia e começaria a ser perseguido. A heresia seria um claro sinal “de que a religião predominante já não corresponde plenamente às necessidades metafísicas que determinaram a sua criação.”¹³²

Nos seus escritos, Burckhardt afirma que para o declínio de uma religião não basta que apareça uma nova doutrina que corresponda melhor às necessidades metafísicas de um povo. Segundo ele:

¹²⁸ Ibid., p. 55.

¹²⁹ MADEIRA, LUCIANA. *Em busca da “singular monumentalidade”*: Nietzsche e Burckhardt na Universidade da Basiléia. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008, p. 73.

¹³⁰ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 61.

¹³¹ Ibid., p. 56.

¹³² Ibid., p. 57.

uma nova religião pode coexistir com outra mais antiga, dividir com ela o mundo, mas, a menos que o poderio estatal interfira, não pode, de modo algum, eliminá-la completamente, nem mesmo se tem ao seu lado as massas.¹³³

Sendo assim, a força do Estado pode, ao ser utilizada a favor ou contra a religião, determinar o seu futuro. Escreve Burckhardt sobre as religiões:

Sem o emprego da força ou sem a utilização constante das perseguições, elas continuam a viver e haurem novo vigor, eternamente, do espírito das massas, a ponto de finalmente ganharem a seu favor a força secular. Foi o que sucedeu com as religiões do Oriente. Com a ajuda da força estatal, o budismo pôde ser suplantado na Índia pela Religião Brâmane. Sem a legislação imperial, de Constantino até Teodósio, a Religião greco-romana existiria até hoje. A Reforma não se afirmaria em parte alguma sem a ajuda decisiva, embora momentânea, da força secular, que às vezes empregava medidas extremas, quando necessário. A Reforma perdeu, portanto, todos aqueles territórios nos quais não desfrutava a vantagem do apoio do Estado e nos quais permitiu que um número considerável de católicos continuasse a viver.¹³⁴

Assim, para Burckhardt, uma religião aparentemente vigorosa pode desaparecer parcialmente ou para sempre em alguns lugares, contudo não se sabe se mais tarde, em algum outro momento, esta ganhará força novamente, “ao passo que para o povo desde os tempos imemoriais, a Religião constitui a parte essencial da cultura.”¹³⁵

2.8.3 Da Cultura

A Cultura, para Burckhardt, seria constituída por elementos dinâmicos e livres, que possibilitariam o surgimento das expressões espontâneas do ser humano. Ela agiria de forma natural e não violenta, constituindo-se como um elemento modificador sobre os outros dois poderes. Segundo Burckhardt, a Cultura representaria a “crítica de ambos os fatores restantes, o relógio que soa a hora fatídica em que a forma e o conteúdo da Religião e do Estado já não coincidem exatamente.”¹³⁶ Deste modo, para o historiador, ficaria a cargo da Cultura o papel de manter a simultaneidade entre as potências, remodelando-as e movendo-se entre elas.

¹³³ Ibid., p. 61.

¹³⁴ Ibid., p. 62.

¹³⁵ Ibid., p. 61.

¹³⁶ Ibid., p. 62.

A Cultura representaria, igualmente, o movimento de inúmeras fases através do qual as atitudes naturais do homem transformar-se-iam em conhecimentos inteligentes, que levados ao seu mais elevado estágio dariam origem, respectivamente, à ciência e particularmente à filosofia e à reflexão. Segundo Gossman, a liberdade para Burckhardt consistiria, sobretudo, na possibilidade de poder cultivar e expressar a cultura humana como um todo.¹³⁷ Na sua forma externa, a Cultura, juntamente com a Religião e o Estado, constituiria a sociedade em seu sentido mais amplo.

As três potências, para Burckhardt, seguiriam a ordem da gênese, apogeu e declínio, ou seja: passariam por fases de crescimento, afirmação e declínio. No caso da cultura, o historiador afirma que as experiências de povos do passado, que já entraram em declínio, sempre que disso forem capazes e dignas, podem continuar presentes e integradas na tradição comum coletiva, através de um processo de “acumulação inconsciente nos povos e nos indivíduos, de legados culturais passados.”¹³⁸

A linguagem seria o ápice das manifestações culturais, a forma mais elevada de sociabilidade, “um milagre do espírito”¹³⁹ conforme afirma Burckhardt. Para o historiador, ela pode ser considerada como um elemento dinâmico e mutável, pois está viva.¹⁴⁰ Sua origem seria algo inerente ao interior da alma humana, que levaria o homem a traduzir os seus pensamentos e impulsos em palavras.

Na mesma direção, o historiador nota que os idiomas seriam uma criação da vida nacional, a expressão “mais direta do espírito dos povos, a sua identidade, a forma mais duradoura, na qual os povos depositam a substância de sua vida espiritual, encerrada principalmente nas palavras de seus grandes poetas e pensadores.”¹⁴¹

O historiador estabelece algumas diferenças entre a arte, a filosofia e a ciência, e, apesar de considerar as duas últimas como estágios elevados do conhecimento humano, afirma que elas não possuem a função criativa das artes, o que faz delas apenas classificadoras da vida humana.

¹³⁷ GOSSMAN, L. “*Jacob Burckhardt: Cold War Liberal?*”, op. cit., p. 10.

¹³⁸ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 63.

¹³⁹ Ibid.

¹⁴⁰ BURKE, P. Introdução. In: BURCKHARDT, J. *A Cultura do Renascimento na Itália*, op. cit., p. 340.

¹⁴¹ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 63.

Segundo o historiador, os elementos culturais isolados e as fases culturais de diferentes regiões difundem-se por meio do comércio. Um exemplo de cidade-estado marcada por essas trocas culturais múltiplas seria a própria Basileia, cidade-natal de Burckhardt como vimos acima. Conforme escreve o historiador:

A história da cultura contém infinitos exemplos desses contatos magnéticos e fecundo entre os povos, entre os setores culturais e entre os espíritos. Cada esforço espiritual desperta outro esforço, ou pelo menos causa-nos o desejo de podermos dizer: “nós também somos capazes disso”.¹⁴²

Contudo, nem sempre esse contato comercial resultaria em uma troca cultural, visto que segundo Burckhardt:

Os etruscos e os povos do Ponto Euxino limitam-se a comprar ou encomendar os belos objetos gregos, não indo além deste mero intercâmbio. No entanto, a história da cultura contém infinitos exemplos desses contatos magnéticos e fecundos entre os povos, entre os setores culturais e entre os espíritos.¹⁴³

Jacob Burckhardt elege, entre outros, Atenas e Florença como os principais núcleos de sociabilidade da história. Cidades das quais “se irradiam o progresso e o avanço intelectual, únicos capazes de estimular e consagrar a verdadeira cultura.”¹⁴⁴ Essas cidades “despertariam as mais elevadas energias do homem através de obras artísticas excepcionais,”¹⁴⁵ e favoreceriam o aparecimento de gênios que estimulariam o surgimento de outros gênios.

Em contrapartida, considera que as grandes cidades modernas e até mesmo as de tamanho médio favorecem a perda da espontaneidade, uma vez que elas oferecem importantes condições para o desenvolvimento cultural, mas que essas condições levam o homem a sucumbir ao utilitarismo, na medida em que servem somente para ambicionar posições importantes e obter vantagens materiais.¹⁴⁶

O historiador afirma que a alta sociedade constitui um fórum essencial para as artes. Entretanto, destaca que a arte não deve depender unicamente desta classe, e, sim, tirar dela o seu critério de compreensão, a sua inteligibilidade. Segundo Burckhardt, a condição para a criação de uma cultura superior e perfeita

¹⁴² Ibid., p. 69.

¹⁴³ Ibid., p. 68.

¹⁴⁴ Ibid., p. 69.

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ Ibid.

seria a sociabilidade - a troca entre as culturas - que seria responsável por colocar em contato as diferentes expressões artísticas.

Em seguida, o historiador suíço examina as relações entre a cultura e a moralidade. Burckhardt acredita que seria a partir de Rousseau que teríamos começado a imaginar o presente moralmente superior ao passado. Em uma carta datada de 2 de julho de 1871, escrita para Friedrich Von Preen diz Burckhardt:

O grande dano teve início no século passado, principalmente através de Rousseau, com sua doutrina da bondade da natureza humana (...). Enquanto isso, a ideia da bondade natural do homem transformou-se, entre o estrato inteligente da Europa, na ideia de progresso (...). A única salvação concebível seria que esse insano otimismo, em menor ou maior grau, desaparecesse do cérebro das pessoas (...).¹⁴⁷

O historiador não concorda com a ideia de que a moral estaria presente de forma mais intensa no século XIX do que durante as épocas bárbaras e primitivas. Segundo ele, aquilo que consideramos como progresso, ou progresso moral não seria nada além do que o predomínio de um elemento moderador e disciplinador sobre o homem. Conforme escreve:

Durante muito tempo, a expressão “a época presente” foi sinônimo de “progresso”, devido à pretensão ridícula de crermos que caminhávamos, inevitavelmente, de encontro a um gradual aperfeiçoamento espiritual do ser humano e a um grau mais elevado da moralidade, em geral.¹⁴⁸

Burckhardt identifica a capacidade de renascer culturalmente como uma característica essencial das culturas elevadas. Para ele, um povo seria capaz de incorporar parcialmente os elementos de uma “cultura passada à sua baseado no direito de sucessão ou no direito que a admiração dessa cultura lhe causa.”¹⁴⁹ Como exemplo, ele destaca o Renascimento ítalo-europeu dos séculos XV e XVI. Por fim, para o historiador, seria nos raros momentos de predomínio da Cultura, como durante o Renascimento, que o poder das artes afloraria com maior intensidade, levando à evolução do espírito humano.

¹⁴⁷ Carta de 2 de Julho de 1871 a Friedrich Von Preen, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 279-280.

¹⁴⁸ Ibid., p. 258.

¹⁴⁹ Ibid., p. 72.

2.9

Do Juízo Histórico ou da “impropriedade, na maioria dos casos, do termo boa fortuna”

Segundo Burckhardt, os homens, sobretudo os seus contemporâneos, carregariam consigo uma necessidade de formar juízos históricos sobre os acontecimentos passados. Como observa o historiador, é comum classificarmos os eventos históricos em felizes ou infelizes, como se fossem fatos atuais. Contrário a essas classificações, Burckhardt acredita que devemos ser cuidadosos ao desenvolver opiniões sobre os povos passados, uma vez que nem sempre o que julgamos como fundamental para uma época pode ter sido realmente.

O historiador, no *Reflexões sobre a História Universal*, tenta esclarecer quais são as origens dos juízos históricos. Segundo Burckhardt, os juízos frequentemente derivam da impaciência dos que escrevem ou leem a história, visto que, buscando os fenômenos históricos grandiosos, esses homens entediam-se com os períodos tranquilos, confundindo o que pode ter sido bom no passado com aquilo que agrada a sua imaginação. Os juízos, também, podem vir a ter origem em uma análise do nível cultural de um povo, sendo assim, quanto maior for o desenvolvimento de uma civilização, maior será a sua felicidade.

Além desses, Burckhardt identifica os juízos fundados no gosto pessoal, em que o fator de felicidade seria medido de acordo com as preferências pessoais de cada um, “isto é: se predomina em nós o gosto pela imaginação, pela emoção ou pela razão.”¹⁵⁰ Por fim, há ainda os que julgam os fenômenos históricos conforme suas crenças políticas ou por juízos de grandezas. Para o historiador, o egoísmo humano seria a base da construção de todos esses juízos, como podemos ler abaixo:

Nosso egoísmo tão profundamente arraigado em nosso espírito é tão ridículo considerar felizes as eras que correspondem aos nossos anseios e ao nosso temperamento, enaltecendo as forças e os homens de épocas passadas que possibilitaram o conforto de nossa existência atual. Procedemos como se o mundo e a História existissem meramente em função de nossas sagradas pessoas, assim, cada um de nós imagina que a sua época é o apogeu de todas as épocas precedentes e não, como acontece realmente, uma de inúmeras ondas que se sucedem no tempo.¹⁵¹

¹⁵⁰ Ibid., p. 258.

¹⁵¹ Ibid., p. 261.

O Juízo Histórico é constantemente colocado em questão por Burckhardt. Para o historiador, ele seria o responsável por causar grandes malefícios ao conhecimento do passado. Do mesmo modo, a crença de determinados povos no bem estar duradouro e pleno, não pode ser justificada e vista como benéfica, uma vez que o que avaliamos como “feliz” ou “infeliz” tem origem na nossa restrita capacidade de julgar o que advém de necessidades superiores e inexoráveis.